
Apresentação

Mutação e permanência: leituras da literatura portuguesa contemporânea

Doi

<https://doi.org/10.37508/rcl.2024.n51a1309>

Com o tema “Mutação e permanência: leituras da literatura portuguesa contemporânea”, a chamada para o número da *Convergência Lusíada*, agora publicado, era intencionalmente aberta, sem circunscrever gêneros literários nem delimitar temas ou linhas de força em relação aos textos estudados. Estamos contentes por poder afirmar que tivemos ampla resposta à nossa proposta, quer pela variedade de artigos recebidos sobre textos ou livros de prosa e poesia, quer pelas abordagens do literário em diálogo com outras linguagens.

Ibrahim Alisson Yamakawa apresenta uma leitura de *Uma menina está perdida no seu século à procura do pai* (2015), de Gonçalo M Tavares, observando como neste autor, mesmo em formas narrativas instituídas como o romance, a escrita seca e fragmentária combina palavras com outros códigos simbólicos e faz com que o silêncio e o vazio expressem o indizível e o inefável no contexto atual de crise e de desumanização da linguagem.

Lucas Pessin lê o conto “A velha”, de Teolinda Gersão, publicado no Brasil na antologia *Alice e outras mulheres* (2020). Pessin desenvolve uma reflexão sobre a situação específica da velha evocada no texto e

da velhice de um modo geral no mundo capitalista contemporâneo. Submetidos a uma vida medíocre e solitária, os velhos habitantes das cidades, esquecidos pelos familiares e pela História, acabam por encontrar em suas casas o único registro no tempo e no espaço.

Teresa Cristina Cerdeira revisita *O Retorno*, de Dulce Maria Cardoso, publicado em 2011. No avesso das memórias da conquista e da colonização, como observa a autora, o romance, a partir de uma experiência pessoal, porém alterizada, evoca de forma particular o drama dos retornados. Nascidos em Portugal ou já nascidos nas colônias, foram milhares de colonos que retornaram à metrópole após a independência, expostos com suas vidas acomodadas em caixotes e obrigados a recomeçar do nada.

A partir de conceitos e categorias de um conjunto de pensadores que pensaram a mudança do estatuto do sujeito e do autor do modernismo até a contemporaneidade, Marcelo Brandão Mattos apresenta, em seu ensaio, uma leitura do romance *O evangelho segundo a serpente* (2006), da escritora portuguesa Faíza Hayat. Se a breve biografia da autora projetada na enunciação em primeira pessoa sugere uma conexão autobiográfica, é necessário que o leitor esteja preparado para os voos ficcionais que autora faz em nome próprio.

Adriana Gonçalves concentra-se na leitura d' *O ano da morte de Ricardo Reis* (2005). Apesar de reconhecer a presença, no romance, da recriação da história de Portugal em um jogo de metaficção historiográfica, o interesse da autora recai sobre as relações construídas por Saramago entre o personagem-heterônimo e o poeta, especialmente as relações deste com as figuras femininas e o modo como afetarão sua movimentação na narrativa.

No ensaio “Corpos insubmissos em busca da harmonia do mundo”, Ângela Beatriz de Carvalho Faria faz uma instigante e bela análise de dois contos que compõem a obra *Amor em Lobito Day* (2016), de Lídia Jorge. Observando, a partir dos estudos de Safatle, publicados em *Em um com o impulso* (2022), as relações entre arte e política, a

articulista ressalta nos contos “Imitação do Êxodo” e “Passagem para Marion” a transgressão à ordem estabelecida pelos atos dos personagens Juliana e Marion, respectivamente, que subvertem as imposições sociais e institucionais ao emanciparem-se pela imaginação e pelos afetos.

Tatiana Prevedello analisa duas obras de autores distintos: *Relato de um certo Oriente* (1989), de Milton Hatoum, e *Ontem não te vi em Babilônia* (2006), de António Lobo Antunes. A engenhosa aproximação que a articulista faz entre as obras relaciona-se às personagens femininas, Samara e Ana Emília, respectivamente, que vivem experiências traumáticas em família, perdendo ambas as filhas no contexto de uma segregação familiar ou de um isolamento, marcado pelo trauma, pelo luto e pela melancolia. Trazendo reflexões sobre a memória, a partir de Paul Ricoeur, e sobre luto e melancolia, a partir de Freud, o ensaio analisa a trajetória das personagens enfatizando a importância do silêncio e dos interditos na construção do enredo e na configuração das personagens.

Em “urgência de um corpo livre em seu enredo’: a *Ninfa* e o tempo na poesia de Tatiana Faia”, Mônica Genelhu Fagundes faz uma arguta análise de duas obras poéticas de Tatiana Faia: *Leopardo e abstracção* (2020) e *Adriano* (2022), no que diz respeito à presença da *Ninfa*, como alegoria teórica que mobiliza um pensamento desestabilizador do tempo e da lógica. A partir dos estudos de Aby Warburg e de Georges Didi-Huberman, e da percepção da *Ninfa* como uma figura que atravessa os séculos desde a Antiguidade, a articulista observa na poética de Faia a presença dessa figura como uma “presença insistente” que, conformada nos poemas, transforma-os em “deslocamentos não apenas no espaço, mas também no tempo”.

Susana L. M. Antunes, no artigo “*Escuro*, de Ana Luísa Amaral: poesia em rizoma” tece uma bela e sensível análise sobre *Escuro* (2014), um dos livros mais significativos da poeta Ana Luísa Amaral, recentemente falecida. Partindo do sentido de rizoma, proposto por

Gilles Deleuze e Pierre-Félix Guattari, Susana Antunes defende o jogo dicotômico e a horizontalidade da poesia de Ana Luísa Amaral, enfatizando o seu delicado enraizamento e sua composição sinfônica, como esclarece a autora: “uma sinfonia de poesia em rizoma no diapasão das voragens das memórias, das multiplicidades dicotômicas, dos alcances movimentos, das linhas em fuga, dos avessos das diferenças e das diferenças ao avesso”.

Lúcia Melo de Sousa, no estudo “Figuração de um certo pensamento animal em Carlos de Oliveira e Carlos Drummond de Andrade”, faz uma aproximação entre as crônicas contidas em *Boca de Luar* (1984), e de poemas de *Claro Enigma* (1951), do poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade, e sobre os escritos de *Sobre o lado esquerdo* (1968) e *Finisterra - paisagem e povoamento* (1978), do escritor português Carlos de Oliveira. Buscando traçar as semelhanças entre as duas poéticas em relação à presença de uma modernidade tardia nas obras desses autores, que, de certo modo, refuta a euforia modernista e positivista de fins de séc. XIX e início do XX, a articulista investiga a presença de uma figuração de um pensamento animal na construção artística dos autores estudados, tomando como base de reflexão o ensaio seminal de Jacques Derrida – *O animal que logo sou* (2002) – e a obra *Literatura e animalidade* (2016), da professora brasileira Maria Esther Maciel.

Na seção Varia, Masé Lemos propõe o diálogo entre três poetisas: Ana Cristina César, Adília Lopes e Nathalie Quintane em torno da polêmica e sempre atual questão de uma escrita feminina e de possíveis desdobramentos de um lirismo singular. A hipótese é de que as poetisas aqui em questão remodelam, cada uma à sua maneira, a história do lirismo no feminino, adotando um ponto de vista crítico que quebra toda certeza identitária ou epistemológica.

Na seção Entrevista, encontra-se a interessante entrevista da escritora portuguesa Teolinda Gersão concedida a Marcio Jean Fialho de Sousa, coordenador do Grupo de Pesquisa Teolinda Gersão da

Universidade Estadual de Montes Claros. Percorrendo um período que se estende desde o início da sua carreira até a publicação de *O regresso de Julia Mann a Paraty* (2021), a entrevista oferece ao leitor a reflexão de uma escritora madura sobre o seu percurso, além de observações sobre questões mais amplas, como a sinceridade do escritor, o papel do leitor e a sobrevivência da literatura.

O número se encerra com a resenha da Maria Irene Ramalho sobre a obra *Oníricas* (2023), de Ana Marques Gastão. Com o subtítulo “Sonhos de poeta: a propósito das *Oníricas* de Ana Marques Gastão”, Maria Irene Ramalho disserta breve e delicadamente sobre a poética tecida de versos e desenhos nascidos como prolongamentos visuais das imagens poéticas de *Oníricas*, em um texto que é um convite à leitura da obra.

Para concluir, acreditamos que o número 51 que ora se publica abrange, pelas sábias mãos dos articulistas, um significativo painel da literatura portuguesa contemporânea, seja a que se analisa em perspectiva comparada, seja a que se aborda à luz das diferentes reflexões teóricas apresentadas.

Cláudia Amorim

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Madalena Vaz Pinto

Faculdade de Formação de Professores /
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ)